

A ÉTICA E A CIDADANIA NO MUNDO ANTIGO PLATÃO: UM SER AMADO POR TODAS AS CIVILIZAÇÕES E EM TODAS AS ÉPOCAS.

Silvio Luiz de Oliveira

Doutor em Ciências - UNESP

Professor Titular das Faculdades Integradas Rio Branco, Universidade

Presbiteriana e Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo

Professor Homenageado na State University of New York

Professor Homenageado na Fachhochschule München

Resumo: *As contribuições do pensamento de Platão ao longo da história da humanidade, sua importância e conceitos a respeito da ética e da cidadania.*

Palavras-Chave: *Ética, Cidadania, Platão, História Antiga, História Contemporânea.*

Foi um homem do amor; amoroso da amizade e da dialética, apaixonado pesquisador da ilusória realidade oculta dentro das idéias e das coisas. As civilizações amaram e amam Platão por sua energia e imaginação nômade que encontrava grande alegria na aventureira complexidade da vida.

Mostrou-se vivo em todos os instantes de sua existência e nunca parou de crescer; tinha um apaixonado interesse pela reconstrução social por meio da inteligência, mantendo durante seus oitenta anos de vida zelo pelo melhoramento da qualidade e condições de vida em sociedade, buscando na Ética e na defesa da cidadania uma concepção filosófica como instrumento, não só de interpretação mas também estabelecendo um modelo do mundo ocidental.

Platão adorava a beleza e a verdade, dando preeminências às idéias, vestindo-as com elegância e arte: *"outrora na minha juventude experimentei o que tantos jovens experimentaram. Tinha o projeto de, no dia em que pudesse dispor de mim próprio, imediatamente intervir na política"* - assim escreveu Platão nos seus setenta anos de idade em 354 a.C. numa de suas cartas (carta VII), dedicada a parentes e amigos de Dion de Siracusa.

O interesse de Platão pelos assuntos políticos, éticos, morais e sociais, onde se concentrava o princípio da cidadania, decorria, em parte, de circunstâncias de sua vida e da vida cultural da Grécia Antiga, desenvolveu-se ao lado dos acontecimentos das cidades-estado, as *polis*. Foi uma vinculação resultante da organização política, constituída por uma constelação de cidades-estado fortemente ciosas de suas peculiaridades, de suas tradições, de deuses e heróis.

Na *República* e nos *Diálogos*, vemos um jato de imaginação criadora que só seria possível num Sheakespeare: **a descoberta da moral e da idéia do bem**

A moral de Platão, o homem dos ombros largos, é uma moral de felicidade. A felicidade do homem, acreditava ele, não seria mais do que uma participação a um absoluto transcendente, cuja realidade é independente de nós e da vida humana. Esse absoluto, afirmava o pensador, é o **bem** idêntico ao **uno** e "para lá da essência" é o **bem** subsistente, a idéia do **bem** que a despeito desse nome de idéia - que não pode deixar de dar-lhe em virtude da **dialética** - é superior a toda inteligibilidade e ao próprio ser.

Para Platão, o ser não pode libertar-se da multiplicidade inerente às relações mútuas entre fatos inteligíveis ou essenciais. Na sua visão platônica, levou ao extremo suas exigências lógicas: "*Deus está para lá tanto da inteligência como de essência. Deus como o Sol, ilumina e vivifica tudo que está abaixo dele e que faz a ordem e a harmonia do cosmos e da alma*". Não podendo de certo modo ser atingido, a não ser por uma espécie de mente mística de inteligência, extasiada do **bem** pelo supremo Eros.¹

O fim que o iniciado se propõe, expõe Platão, antes de tudo, em sua atividade ética e moral "*é que somente o filósofo ou o sábio pode atingir*", é, portanto, "*libertar-se da prisão do corpo, purificando-se pelo amor*".

Libertadas as *polis* gregas da Ásia Menor e apoiando-se sobre poderosa confederação marítima, Atenas teve seu prestígio aumentado enquanto expandia e fortalecia seu caráter internacional, internamente aprimorava a experiência democrática instaurada desde 508 a.C. mediante revolta popular chefiada por Clístenes. Pela primeira vez na história da humanidade o governo passa a ser exercido pelo povo, que diretamente da Assembléia - *Ekklesia* decidia o destino das *polis*.

Mas, na verdade, verificam os historiadores que a democracia ateniense possuía sérias limitações. Primeiramente, nem todos podiam participar dos debates da Assembléia, direito reservado apenas àqueles que possuíam o direito de cidadania. Uma forma de discriminação que excluía das resoluções políticas a maior parte dos habitantes das *polis*, voltando-se para dentro de si mesmo, a fim de destacar a semelhança divina que pertence propriamente à alma, coisa divina e com isso, contemplar o **divino**, chegando à assimilação à Deus por uma morte operada pela sabedoria, incomparavelmente mais perfeito e mais libertador do que a morte física - única que pode fazer a morte vencer, triunfando da transmigração.

O uso da palavra na sociedade grega - entre 460 e 430 a.C., Atenas sob o

¹ Deus grego do amor e do desejo, Platão o descreveu como filho de Poro (Expediente) e Pínia (Pobreza), daí que a essência do amor fosse "sentir falta de", busca constante, em perpétua insatisfação. Inicialmente representavam-no como um belo jovem, às vezes alado, que feria os corações dos humanos com setas. Aos poucos, os artistas foram reduzindo sua idade até que, no período helenístico, a imagem de Eros é a representação de um menino, modelo que foi mantido no Renascimento. Às vezes é cego, porque o Amor não percebe defeitos no objeto amado. É visto às vezes como símbolo do muito que podem, em amor, a coragem e a eloquência. É visto no ar, no fogo, na terra e no mar. Conduz carros, toca lira, monta em leões, em panteras ou em um delfim, para indicar que não há criatura que escape ao amor.

governo de Péricles, atingiu o apogeu de sua vida política, ética, moral e cultural, tornando-se a cidade-estado mais desenvolvida da Grécia Antiga depois das guerras médicas. Uma situação conquistada quando Atenas, terra de Platão, liderou a defesa do mundo grego e derrotou os persas, as mulheres, os estrangeiros, os escravos, conseqüentemente, apenas uma minoria - o *demos* - povo assumiria o poder em Atenas.

A democracia em Atenas, que depois criou corpo em outros pontos do ocidente, principalmente na Idade Contemporânea, era, na verdade uma forma atenuada de oligarquias - governo dos *oligar*, de poucos, já que somente aquelas pequenas partes da sociedade gregas - os cidadãos - possuíam os privilégios de igualdade social e de cidadania perante a lei e do direito de se expressar, de falar nos debates da Assembléia - Isegoria . As decisões políticas estavam, porém, na dependência de situações ainda mais limitadas, uma vez que na Assembléia nem todos tinham os mesmos recursos de atuação.

A leitura dos relatórios dos projetos comunitários levadas à ordem do dia, o *Arauto*, pronunciava a *fresmili* tradicional: "*quem pede a palavra?*". De acordo com o princípio de isonomia, todo cidadão possuía o direito de se expressar ou de se manifestar, mas, de fato, apenas poucos o faziam, pelo fato de terem mais cultura, de terem conhecimento das leis, dos negócios públicos, habilidade de raciocínio e, sobretudo, grande capacidade de comunicação. Somente estes obtiveram sucesso porque através da retórica conseguiam persuadir o auditório impondo os seus pontos de vista. As técnicas de comunicação oral eram extremamente importantes em Atenas.

Transcendência do Fim - outro tema abordado por Platão foi o **Fim**. O fim da vida humana é uma questão transcendental e de forma absoluta. Essa transcendência do **Bem** e do objetivo já estava esboçada em determinadas virtualidades do pensamento socrático. Para Sócrates, em última análise, o fim da atividade humana, embora esteja implícito ser sobre-humano, tanto é verdade que, o ser sendo bom, todos seremos necessariamente felizes. Para Sócrates a moral é a arte de ser feliz vivendo bem Para o mestre Platão, ao contrário, a moral é a arte de se preparar para uma felicidade que transcende a vida humana, uma vez que, desde a existência terrestre e depois dela, a verdadeira vida está para além da vida, a verdadeira felicidade está para além da felicidade.

A felicidade uma questão ética e de direito do cidadão, não apenas a felicidade interior ao homem, dizia Platão, "*feliz é o justo torturado*". Essa contundente conseqüência de lógica socrática que marcou a mocidade de Platão na época da Oligarquia dos Trinta, entre os quais estavam Carrides e Critias. Os governantes haviam tentado fazer de Sócrates cúmplice na execução de Leon de Salamina, cujos bens desejavam confiscar e Sócrates recusou-se a participar da trama suja e indigna, deixando, dessa forma, de ser visto com simpatia pelos ditadores da época. Com a reconstrução do regime democrático em Atenas, Sócrates foi acusado de corromper a juventude por difundir idéias contrárias à religião tradicional da

época, e por isso, foi condenado a morrer bebendo cicuta. *"Sócrates o mais justo e mais sábio dos homens"*; assim, tornou-se muito difícil estabelecer uma fronteira entre os pensamentos de Sócrates e de Platão. É Sócrates que nos fala através dos *Diálogos* de Platão e este faz do sábio o porta-voz de suas idéias e doutrinas. Platão seguiu os debates de Sócrates na *Agora*, na Academia e nas esquinas de Atenas, percebidos em *Fedom*.

Faz explodir a frágil estrutura de felicidade socrática que é antes de tudo um desafio paradoxal e se refere a uma felicidade e esperança, a um supremo impulso de ruptura e de extrapolação. Platão, por outro lado, se apaixona por esse tipo de paradoxo e coloca nele todo seu entusiasmo porque tanto na ordem ética com na ordem metafísica ou transcendental, seu pensamento está totalmente dominado pelas idéias de participação.

Não se trata, absolutamente, para ele de obter uma pureza que seja adquirida aqui na Terra por meio do sofrimento, sofrimento necessário levantado durante o *"período de Inquisição (séc. XVI a XIX), através das torturas dos considerados erejes, judeus e bruxos para a purificação do espírito e o encontro da felicidade, sendo necessária a morte pelo fogo na estaca"*, mas sim de participar aqui na terra onde se vive, de uma pureza que transcende todas as condições nesse mundo.

"É mister, pois que o justo torturado seja atualmente feliz, mas isso mesmo só é possível porque a imortalidade em nós constitui nossa única realidade, e perfeição porque a verdadeira felicidade não é felicidade. Daí os sarcasmos de Aristóteles contra a sublimidade de latão, vistas em Gorgia. Por conseguinte, o mais feliz é aquele cuja alma está isenta de mal, já que o mal da alma, como o dissemos é o maior dos males... Em segundo lugar, vem aquele que recebe conselhos, censuras, que paga o seu erro... aquele que guarda a sua injustiça em vez de ser dela liberado é o mais infeliz de todos."

*"Cada um de nós para ser feliz deve procurar a temperança e nela exercer-se, fugir o mais rapidamente possível da intemperança, agir de tal modo que não precise ser castigado. Se acontecer, porém, que tenhamos necessidade de castigo, nós ou os nossos cidadãos ou cidade, suportar o castigo e pagar a multa pelos nossos erros é o único meio de ser feliz."*³ *"Eu nego, Calícles, que o cúmulo da vergonha seja o fato de ser estrangulado injustamente ou mutilado em alguns de seus membros"*.

"Sustento", dizia Platão:

"quem é mais vergonhoso e pior o fato de agredirem e de mutilarem injustamente uma pessoa ou meus bens. Suponho que,

² BETENCOUT, Francisco. *História da Inquisição - Séc. XVI a XIX Itália, Espanha e Portugal*, São Paulo: Cia das Letras, 1998.

³ GORGIA 478. Trad. Alfred Croist et Louis Bodin, Paris, Lês Belles Lettres, 1948

o fato de me roubarem, de me escravizarem..., de cometerem qualquer injustiça contra mim ou contra as coisas que me pertencem é mais feio e mais prejudicial ou é preferível sofrer de injustiça, do que a mim mesmo, sua vítima? ... É preciso evitar com mais cuidado cometer uma injustiça que sofrê-la... Deixa-te desdenhar, trata-se de insensato; aceita mesmo que te insultem, se assim quiserem e que te inflijam, por Zeus, essa bofetada que é para ti a suprema vergonha: não te perturbes! Não sofrereis com isso mal algum, se és verdadeiramente um homem honesto (Kaloskagathos) aplicado ao exercício de virtude"⁴

Na república, escrevera o pensador no mesmo sentido "Na verdade, aquele que vive bem é feliz e afortunado, aquele que vive mal é o oposto... de modo que o homem justo e feliz e o injusto miserável"⁵.

A influência de Platão - considera-se a Academia que fundou, a primeira universidade do mundo e a mais duradoura de todas 387 a.C., sua própria escola de investigação científica e filosófica. É definitiva a ressurreição da sua filosofia desde os neo-platônicos de Alexandria até o desenvolvimento dos ideais filosóficos em Cambridge, na Inglaterra.

A teologia cristã, o simbolismo e o predomínio das idéias de Platão na cultura medieval é quase que total. Suas idéias despertaram entusiasmo na Renascença, constituindo-se numa das maiores preciosidades do gênero humano. Pela primeira vez a filosofia toma forma e pela exuberância atinge perfeição jamais observada.

Se quiseres ler um belo discurso sobre o amor e a amizade, veja-se o *Lysis*, *Charmides* e o *Phedon*. Se estiveres interessado nos mistérios da mente e do conhecimento, leia-se *O Parmênides* e o *Thedetetos*. Se estiveres interessado em tudo, leia *A República*, onde encontrarás metafísica, teologia, ética, psicologia, educação, arte, controle de natalidade, socialismo, democracia, aristocracia, psicanálise e sociologia e também feminismo. Sobre esta obra, o Califa Omar, escreve no Corão: "queime-se as bibliotecas, porque neste livro está tudo".

Neste momento, em centenas de países, e milhares de estudantes está pesquisando via Internet a leitura de *A República* e dos Diálogos, sentindo-se lentamente moldados na construção de sua cultura com sabedoria e os ensinamentos do velho mestre.

Sobre o **bem**, a **felicidade**, a **ética** e a **cidadania**. "ele é a imortalidade da alma que torna quase insignificante o perecimento do corpo".

⁴ GORGIA 478. Trad. Alfred Croist et Louis Bodin, Paris, Lés Belles Lettres, 1948

⁵ Rep. I, 354a

A alegoria da Caverna - busca dramatizar em termos de exercícios o conhecimento humano. Descreve um prisioneiro que contempla no fundo de uma caverna, os reflexos de encenações sem que ele pudesse ver e levadas à frente de um fogo artificial.

E como o prisioneiro tinha sempre visto essas projeções de artefatos toma-os como sendo realidade e permanece iludido dentro de sua fantasia. A situação quebra-se, desmonta-se e inverte-se desde que o prisioneiro se liberte: reconhece o engano em que permanecera por muito tempo e acaba descobrindo a encenação que, até então, o enganara e depois de galgar a rampa que conduz à saída da caverna, pôde lá começar a contemplar a verdadeira realidade. Aos poucos, ele que fora acostumado à sombra da caverna pode começar a olhar o mundo real.

Inicialmente, através de reflexos - como o do céu estrelado refletido na superfície das águas tranqüilas de um lago - até finalmente ter condições para olhar diretamente o sol, fonte de toda luz e de toda realidade humana.

A alegoria da caverna retrata a mente e o espírito humano, com várias interpretações; de ordem religiosa, psicanalítica, sociológica, filosófica, ganhando até uma conotação política.

Aquele que se liberta das ilusões e se eleva à visão da realidade é o que pode e deve governar, para que possa libertar os outros prisioneiros das sombras: é o filósofo-político, aquele que faz de sua sabedoria um instrumento de liberdade de consciência social, de cidadania, de justiça social, aquele que faz da incessante procura da liberdade um instrumento para chegar à perfeição: *"somente se chega a perfeição aquele que a procura com muita constância e sabedoria e, sobretudo, com muita humildade"* Lao Tse.

Sugestões para Leitura:

O Mundo de Sofia de J. Graanen, também em CD-Rom. Uma obra lida em mais de quarenta países, com uma tiragem de 12 milhões de exemplares. Trata-se de um passeio filosófico por mais de três mil anos, onde se questiona a origem do ser, do ser enquanto ser, a origem do Universo.

Filme: A alegoria da Caverna.

Referências Bibliográficas

MARETAIN, Jacques. A Filosofia Moral. 2ª. ed. São Paulo: Agir, 1973.

OMNÉS, Roland. Filosofia da Ciência Contemporânea. São Paulo: UNESP, 1995.

POJMAN, Luis P. Philosophy. The Pursuit of Wisddon. Thomson Learning, 2000.